

PROFESSORES QUE NOS ATRAVESSAM: TRAJETÓRIA DE VIDA-FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE HISTÓRIA

■ TAMARA DE LIMA

 <https://orcid.org/0000-0001-9839-3217>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

■ AMARÍLIS DA COSTA SILVA

 <https://orcid.org/0000-0003-3766-0339>

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

■ YOSHIE USSAMI FERRARI LEITE

 <https://orcid.org/0000-0003-4410-1236>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

RESUMO

Os professores com os quais convivemos ao longo dos anos influenciam a nossa maneira de ser e estar na profissão, uma vez que vida e profissão estão necessariamente imbricadas, sendo impossível a separação das dimensões pessoais e profissionais do professor. Sendo assim, o objetivo da pesquisa consiste em verificar as experiências significativas vivenciadas com professores que passam pela nossa trajetória de vida-formação e como elas constituem o professor-pessoa que somos. Quais as marcas deixadas pelos professores que nos atravessam e como contribuem para o ser e estar na profissão docente? A partir dessa problemática, fomos buscar, na narrativa de uma professora que atua na rede estadual paulista há mais de dez anos, alguns elementos reveladores do complexo emaranhado que envolve o ser, o formar-se e o tornar-se professor. Ancorado na abordagem da pesquisa (auto)biográfica, este estudo utilizou como dispositivo de pesquisa, a Entrevista Narrativa (EN). As experiências vivenciadas pela professora participante do estudo revelam como as professoras e professores que nos atravessam, marcam, de diferentes formas, a nossa trajetória de vida-formação contribuindo para o fazer-se docente.

Palavras-chave: Professores marcantes. Formação docente. Pesquisa (auto)biográfica.

ABSTRACT **TEACHERS WHO CROSS US: LIFE AND TRAINING OF A HISTORY TEACHER**

The teachers we have lived with over the years influence our way of being and being in the profession, since life and profession are necessarily intertwined, making it impossible to separate the personal and professional dimensions of the teacher. Thus, the aim of this research consists in verifying the significant experiences lived with teachers who pass through our life-training trajectory and how they constitute the teacher-person we are. What are the marks left by teachers that cross us and how do they contribute to being and being in the teaching profession? Based on this problematic, we sought in the narrative of a teacher who has worked in the São Paulo state network for over ten years, some revealing elements of the complex tangle that involves being, training and becoming a teacher. Anchored in the (auto)biographical research approach, this study used as research device, the Narrative Interview. The experiences lived by the teacher who participated in the research show us how the teachers, who cross through us, mark, in different ways, our life-training trajectory contributing to the making of teaching.

Keywords: Outstanding teachers. Teaching training. (auto)biographical research.

RESUMEN **MAESTROS QUE NOS CRUZAN: TRAYECTORIA DE VIDA-FORMACIÓN DE UNA PROFESORA DE HISTORIA**

Los docentes con los que hemos convivido a lo largo de los años influyen en nuestra forma de ser y estar en la profesión, ya que vida y profesión están necesariamente entrelazadas, siendo imposible separar la dimensión personal y profesional del docente. Por lo tanto, el objetivo de la investigación es verificar las experiencias significativas vividas con docentes que transitan por nuestra trayectoria de vida-formación y cómo constituyen la persona docente que somos. ¿Cuáles son las huellas que dejan los docentes que nos cruzan y cómo contribuyen a ser y estar en la profesión docente? A partir de esta cuestión, buscamos en la narrativa de una docente que actúa en la red del Estado de São Paulo desde hace más de diez años, algunos elementos reveladores del complejo enredo que envuelve ser, formarse y devenir docente. Anclado en el enfoque de investigación (auto)biográfica, este estudio utilizó la Entrevista Narrativa como dispositivo de investigación. Las experiencias vividas por la docente participante de la investigación nos muestran cómo los docentes

que nos cruzan marcan, de diferentes maneras, nuestra trayectoria de vida-formación, contribuyendo a convertirse en docente.

Palabras clave: Docentes destacados. Formación docente. Investigación (auto)biográfica.

Professores que nos atravessam, professores atravessadores

Na nossa imaginação ela entrava voando pela sala...

(como um anjo)

...e tinha estrelas no lugar do olhar.

Tinha voz e jeito de sereia...

...e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação).

Seu riso era solto como um passarinho.

Ela era uma professora inimaginável.

Para os meninos ela era uma artista de cinema.

Para as meninas, a Fada Madrinha.

(Ziraldo. Uma professora muito maluquinha)

A “professora maluquinha”, uma das personagens do escritor Ziraldo, é um exemplo, entre muitos presentes na literatura e/ou no cinema, de professores *inimagináveis*, que passaram pelas nossas vidas e nos deixaram marcas. Na linguagem figurada do escritor, referindo-se ao imaginário infantil, professores que eram “como anjos, com voz e jeito de sereia, artistas de cinema ou fadas madrinhas”. Esses professores fazem parte das experiências vivenciadas durante nossa trajetória de vida-formação. Mas não a experiência no sentido daquilo que se passou ou aconteceu, e sim do que “nos passou, nos aconteceu e nos tocou” (LARROSA BONDÍA, 2002). Portanto, *professores que nos atravessam*, nos transpassam, nos trespassam e, ao fazê-lo, deixam suas marcas, *professores atravessadores*.

A nossa trajetória de escolarização-formação é longa, muitos professores passam por

nós, mas nem todos nos atravessam e deixam suas marcas e, ainda, não são todas as marcas que nos deixam memórias positivas. Entre os indivíduos que se tornaram e são professores, isso significa uma vida inteira experienciando o espaço escolar e convivendo com outros professores. À máxima de que “o professor é o profissional que nunca saiu da escola” acrescentamos: “o professor é o profissional que nunca deixou de conviver com outros professores”.

Os professores que nos atravessam, ao deixarem suas marcas, vão constituindo o professor-pessoa que somos. Influenciam a nossa maneira de ser e estar na profissão, uma vez que vida e profissão estão necessariamente imbricadas, sendo impossível a separação das dimensões pessoais e profissionais do professor: “é que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar; e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser”. (NÓVOA, 2007, p. 10).

Ao discorrer sobre o trabalho docente, Arroyo (2000) faz uso da expressão “ofício de mestre” em referência a uma das atividades humanas mais antigas, carregada de uma longa memória. Ele explica que o termo “ofício” faz referência a um passado artesanal, sendo que “[...] há constantes no fazer educativo que não foram superadas, mas antes incorporadas, mantidas pela moderna concepção da prática educativa”. (ARROYO, 2000, p. 18). O autor defende que o saber-fazer dos mestres da edu-

cação de outrora deixou suas marcas em nós, professores do presente, ou seja, somos detentores da herança de um saber específico. Ter um ofício é a afirmação e a defesa de uma identidade que é individual, mas também coletiva.

A identidade docente pode ser entendida como uma “construção de si mesmo” em constante movimento, pois não é estável nem fixa, mas constitui-se ao longo da vida. Desenvolve-se de forma individual, mas ao mesmo tempo é permeada pelas relações estabelecidas coletivamente. É influenciada pelos contextos sociais, políticos, culturais e econômicos. Para além dos espaços de trabalho, constrói-se também em meio aos espaços sociais (DUBAR, 2005; MARCELO GARCÍA, 2010).

Essa identidade é dotada de uma determinada especificidade, aquilo que constitui a ação docente, o ensinar. Oliveira (2010) afirma que o termo “docência”, originário do latim, significa “ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender [...]”. A autora ainda destaca que “o trabalho docente é o que se realiza com a intenção de ensinar”. (OLIVEIRA, 2010, s/p.).

A literatura nos apresenta variadas formas de interpretação e contextualização do termo “ensinar”. Roldão (2007, p. 94) destaca que, ao analisarmos as diversas interpretações que permeiam esse termo, podemos identificar uma forte tensão entre “professar um saber” e “fazer outros se apropriarem de um saber”. A primeira interpretação é caracterizada por uma postura mais tradicional, que ressalta a ideia do professor transmissivo, sendo predominante até meados do século XX. A segunda, refere-se a uma visão mais ampliada, partindo de uma leitura mais pedagógica do termo, sendo constituída de um amplo campo de saberes, incluindo os disciplinares.

Essa segunda linha de interpretação é a que tem ganhado maior espaço na atualidade, dela, emergiu um variado conjunto de corren-

tes literárias que abordam o conceito de diferentes formas, por isso, Roldão (2007) destaca que o conceito de ensinar é constitutivo da ação docente, mas não é estático e nem consensual. A autora afirma que a função docente é caracterizada por alguns elementos que são geradores da sua especificidade, sendo eles: a natureza compósita; a capacidade analítica; a natureza mobilizadora e interrogativa; a meta-análise; e a comunicabilidade e circulação.

O primeiro refere-se ao conhecimento profissional docente, à transformação do conteúdo científico em um saber agregador e contextualizado. A capacidade analítica corresponde à capacidade docente de exercer um saber técnico e criativo através de uma análise fundada em conhecimentos formalizados e experiências que possibilitam ao professor expandir suas potencialidades de ação diante do contexto em que atua. O terceiro elemento, a natureza mobilizadora e interrogativa, trata-se da articulação entre as semelhanças, diferenças e as várias situações observadas pelas professoras e professores, para instigar a curiosidade do estudante, para mobilizá-lo na busca do conhecimento (ROLDÃO, 2007).

Esse terceiro elemento também é constituído pela natureza interrogativa, que corresponde às situações de imprevisibilidade que os docentes enfrentam, o que exige um constante questionamento do conhecimento adquirido, da experiência anterior e da ação prática. Roldão (2007) afirma que essa necessidade constante de questionar a própria prática envolve um outro elemento, a meta-análise, que se refere à autocrítica docente. Por fim, o último elemento, a comunicabilidade e circulação, refere-se ao compartilhamento e discussão, entre os pares, do conhecimento tácito que integra o conhecimento docente, ou seja, a troca de experiências.

Sobre a especificidade do trabalho docente, Tardif e Lessard (2008, p. 31) afirmam que

ensinar “[...] é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos e para seres humanos”. Gadotti (2003) também ressalta que ensinar é uma ação do homem sobre o homem, estando diretamente relacionada à formação do indivíduo social. Portanto, ensinar ocorre por meio da relação humana, deixando marcas em quem ensina e em quem aprende. Conforme Freire (2011, p. 25) destaca, “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.”

Realizadas essas considerações iniciais acerca da natureza e especificidade da ação docente, entendemos que a pesquisa que dá origem a este artigo insere-se no campo de pesquisa sobre formação de professores, que se consolidou por volta da segunda metade da década de 1980, sendo relativamente um campo novo (DINIZ-PEREIRA, 2013). Nesse mesmo período, verifica-se um maior e crescente interesse pela pessoa do professor, aspecto praticamente desconsiderado até então.

Nóvoa (2007) destaca que esse redirecionamento das pesquisas teve como marco a publicação do livro *O professor é uma pessoa*, de Ada Abraham, em 1984. Ele ressalta que, a partir de então, “[...] a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores”. (NÓVOA, 2007, p. 15, grifos do autor).

As pesquisas acerca da produção acadêmica sobre formação de professores no Brasil observaram algumas tendências gerais assim sistematizadas por Diniz-Pereira (2013, p. 148): “[...] nos anos de 1970: treinamento do técnico em educação; nos anos de 1980: a formação do educador; nos anos de 1990: a formação do professor-pesquisador”. Já a partir dos anos 2000, observa-se uma forte crítica ao discurso prescritivo na formação de professores e, além disso, o foco dos estudos centrou-se nos

professores, suas vozes, vidas e identidades. “A questão central de pesquisa, que antes era ‘como formar o professor?’, passou a ser ‘como nos tornamos educadores(as)?’” (DINIZ-PEREIRA, 2013, p. 148).

A pesquisa aqui apresentada insere-se nessa tendência geral verificada no campo de estudos sobre a formação de professores a partir dos anos 2000. Por meio da abordagem da pesquisa (auto)biográfica, a problemática central da pesquisa consiste em verificar as experiências significativas vivenciadas com professores que passam pela nossa trajetória de vida-formação e como elas constituem o professor-pessoa que somos. Quais as marcas deixadas pelos professores que nos atravessam e como contribuem para o ser e estar na profissão docente? A partir dessa problemática, fomos buscar, na trajetória de vida-formação de uma professora que atua na rede estadual paulista há mais de dez anos, as pistas, os indícios e os sinais (GINZBURG, 1989) do complexo emaranhado que envolve o ser, o formar-se e o tornar-se professor.

Percurso metodológico

Ancorado na abordagem da pesquisa (auto)biográfica, este estudo utilizou como dispositivo de pesquisa, a Entrevista Narrativa (EN), conforme as etapas sistematizadas e apresentadas por Jovchelovitch e Bauer (2008), uma mescla entre a elaboração pessoal dos autores e a proposta do sociólogo alemão Fritz Shütze. A EN visa encorajar e estimular o participante a narrar sua história de vida ou algum acontecimento importante. “A técnica recebe seu nome da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 91) e “[...] é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 95).

A concepção de EN está relacionada à crítica ao esquema tradicional de pergunta-resposta em que o entrevistado é sujeito passivo no processo de pesquisa, uma vez que é o entrevistador que seleciona o tema e os tópicos, ordena as perguntas e as verbaliza com sua própria linguagem (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008). A EN configura-se como um dispositivo bastante potente para desvelar a complexa rede de experiências vivenciadas nas trajetórias singulares e coletivas dos indivíduos.

A entrevista que subsidia este estudo foi realizada no âmbito da pesquisa de doutorado de uma das autoras deste artigo. Essa pesquisa teve como objetivo analisar questões relacionadas à permanência do professor na profissão. A professora entrevistada, ao narrar sua história de vida, naturalmente, foi trazendo à tona a memória de professores que a atravessaram durante sua trajetória de vida-formação, o que deu ensejo à escrita deste artigo.

Para nos referirmos à professora colaboradora da pesquisa, optamos pelo nome fictício de Antonieta, em alusão à Antonieta de Barros (1901-1952), professora, jornalista e primeira mulher negra a ser eleita deputada no país. Os nomes dos professores mencionados por Antonieta em sua narrativa também são nomes fictícios que se referem a professores que atravessaram e deixaram suas marcas na história da educação brasileira. Antonieta é professora de História na rede estadual paulista desde 2009, quando ainda estava na graduação, na condição de professora contratada. A partir de 2017, após aprovação em concurso público, assumiu cargo de professora efetiva.

Considerando a metáfora dos *professores que nos atravessam* ou *atravessadores*, Antonieta é o nosso *sujeito da experiência*; como uma espécie de *“território de passagem*, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns

vestígios, alguns efeitos”; *“um ponto de chegada*, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar”; e *“um espaço onde têm lugar os acontecimentos”*. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24, grifos nossos).

Trajetoira de vida-formação: atravessamentos

Antonieta é proveniente de uma família de trabalhadores, tanto do lado paterno quanto materno. E, apesar das dificuldades financeiras que dificultavam a frequência à escola, sua mãe formou-se em Língua Portuguesa, sendo a primeira da família a acessar o ensino superior. Antonieta cresceu atravessada pela história da mãe, percebendo o quanto ela valorizava o estudo:

E... a minha mãe é assim... sempre vi ela muito engajada, muito esforçada. Minha mãe sempre trabalhou muito. Ela demorou para passar no concurso, porque ela morou em Mato Grosso, ficou dois anos sem estudar para trabalhar na roça. Começou a trabalhar de doméstica com 11 anos de idade para ajudar minha avó, que eles são em sete [irmãos]. Ela é a segunda mais velha. Então, assim, eu sempre cresci ouvindo a história da minha mãe e o quanto ela valoriza o estudo [...] e era uma família em que ninguém tinha estudo. Então, a minha mãe foi a única, foi a primeira a estudar, a conseguir terminar. O meu avô deu o nome para ela de Anália,¹ porque foi uma professora que ele conheceu no Mato Grosso e falou que ela ia ser professora. E ela foi a primeira a estudar na família, é linda a história! (Antonieta)

Os obstáculos para acessar os bancos escolares experienciados pelos pais de Antonieta são representativos do contexto social e político em que estes viveram, pois além das dificuldades financeiras que conduziam as

¹ Referência à Anália Emília Franco Bastos (1853-1919), professora, jornalista, poetisa e escritora. Responsável pela fundação de mais de 70 escolas.

crianças ao trabalho infantil, a escola pública ainda estava em processo de expansão. Di Giorgi e Leite (2010) afirmam que a expansão da Educação Básica iniciou-se em 1941, quando foi criado o Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), porém, ainda ocorreu de forma limitada, havendo pouco mais de 3 mil prédios públicos construídos para o ensino primário. O acesso ao ensino secundário era ainda mais restrito, frequentado por uma minoria privilegiada de brasileiros.

Durante a Ditadura Militar (1964-1985), especificamente, entre as décadas de 1960 e 1970, os investimentos na Educação Básica foram ampliados, isso, devido às necessidades de mão de obra para atender às demandas geradas pelas privatizações ocorridas no período. Assim, os pais de Antonieta experienciaram esse contexto de início da expansão da escola pública. Somente nas décadas de 1980 e 1990 é que houve um aumento considerável do acesso da maioria da população aos bancos escolares (DI GIORGI; LEITE, 2010). É possível afirmar que o alargamento do acesso à escola pública foi usufruído por Antonieta e não por seus pais.

Sobre sua mãe, Antonieta relata que nunca a presenciou reclamando da escola, apesar das dificuldades que vivenciou enquanto ainda era professora substituta, antes de se efetivar. Em razão da mãe ter atuado por muitos anos como professora substituta, não tinha horário fixo de trabalho e o pai tinha problemas com alcoolismo. Então, muitas vezes, para que a mãe pudesse trabalhar, ela e o irmão ficavam na escola e ela passou a gostar daquele ambiente.

Quando o meu pai não chegava em casa porque ele bebia, saía e não voltava, a minha mãe falava: 'Da tal hora, você toma banho, dá banho no seu irmão e vem para a escola'. Aí, a gente ficava na biblioteca da escola e acabou virando a nossa diversão, e tudo que a gente gostava de fazer. A escola nunca foi um lugar de falar assim 'é ruim, é um fardo'. Então, sempre aprendi a gos-

tar da escola. E, nunca vi minha mãe, também, reclamar da escola [...] apesar das dificuldades que ela vivia, substituindo, substituindo, tapando buraco. Ela demorou para se efetivar. Então, a gente cresceu dentro da escola. (Antonieta).

Na narrativa de Antonieta, é possível notar que ela possui um vínculo afetivo e de pertencimento com a escola pública por conta de sua história de vida, pelo fato de ter crescido no ambiente escolar e percebendo o quanto a mãe-professora valorizava aquele espaço. Ela conta com muita emoção que *"eu sinto que ali é o meu lugar, porque foi de onde eu saí"*. (Antonieta, grifo nosso).

Além de ser filha de mãe-professora, Antonieta também tem duas tias paternas que são professoras, uma que leciona o componente curricular de Artes e, a outra, História. A tia Êda,² professora de História, também marcou bastante a trajetória de vida-formação de Antonieta.

Ela participou de greve, de luta, de movimento. Ela se formou em São Paulo. Na época, foi a primeira formada da família do meu pai. Foi a única que foi morar com a tia, que conseguiu fazer faculdade. Depois, a outra foi, mas bem mais velha. Então, assim, ela representa na nossa família, sabe...a luta, sabe? A pessoa que...e como ela sofreu isso também, então, ela sempre foi assim: guerreira, crítica. Então, ela sempre apresentou esse lado da história para mim, sabe? De criticidade, de questionar as coisas, de arrumar briga, assim, para lutar para melhorar as coisas. Então, assim, para mim, assim, isso sempre fez a diferença. (Antonieta).

Ao final do Ensino Médio, Antonieta ficou na dúvida entre cursar Arquitetura ou História. Avalia que Arquitetura estava mais distante da sua realidade *"porque eu não tive nenhuma referência na minha família, nunca conheci, nun-*

2 Referência à professora Êda Luiz (1950-), formada em Artes e Pedagogia, com uma longa trajetória na área de Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma das responsáveis pelo projeto educacional do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja) Campo Limpo, escola da rede municipal de São Paulo.

ca tinha visto um arquiteto [...] eu nem sabia o que era faculdade de Arquitetura". (Antonietta). Ela acabou optando por cursar História e a tia Êda exerceu forte influência nessa escolha, assim como outros professores que passaram por sua trajetória escolar:

Então, assim, ou era Arquitetura, mas estava mais distante da minha realidade; ou era lecionar. E eu sempre gostei, porque... História, minha tia deu aula para mim. Essa tia paterna que eu tinha falado, que até hoje é referência na minha vida, minha tia. Ela dava aulas, assim, que eu viajava. E eu tive professores de História muito bons. Teve um outro professor também, que deu aula para nós dois anos, que foi maravilhoso. Professora de Literatura, que eu amava Literatura por causa da História. Então, assim, foi muito bom e eu aprendi a gostar de História. Aí eu falei: 'vou fazer História'. (Antonietta).

Pesquisas realizadas sobre a atratividade da carreira docente nos últimos anos têm demonstrado o quanto a carreira docente não se apresenta como opção de escolha profissional para grande parte dos jovens brasileiros concludentes do Ensino Médio. Entre os motivos para essa rejeição encontram-se a desvalorização profissional e social, os baixos salários, a carga horária de trabalho excessiva, o desinteresse e o desrespeito dos alunos (FCC, 2009; TARTUCE; NUNES; ALMEIDA, 2010; ALMEIDA; TARTUCE; NUNES, 2014).

Já a opção pela docência entre os estudantes é bastante associada à ideia de vocação (FCC, 2009; GATTI *et. al.*, 2019). Uma pesquisa realizada em 2014 com graduandos de cursos de licenciatura que realizaram o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) revelou que a crença de que ser professor é uma vocação ocupou o primeiro lugar dentre as razões apontadas para a escolha da docência. Em segundo lugar, compareceram motivações relacionadas à importância da profissão e, em terceiro, o fato de que os estudantes tiveram em sua trajetória escolar professores

que os inspiraram a seguir a docência (GATTI, *et. al.*, 2019).

Ainda que a carreira docente não exerça uma boa atratividade entre os jovens em razão de uma série de condições que apontam para a desvalorização e precarização do trabalho docente acentuada nas últimas décadas, o fato de ter convivido com professores inspiradores exerce um papel importante para a opção pelo magistério. Esse foi o caso da professora Antonietta. Além disso, por conta da nossa trajetória escolar e acadêmica, passamos por um longo período observando o trabalho de nossos professores, ainda que isso ocorra de forma involuntária e sem pretensões.

Marcelo Garcia (2010, p. 116) constata que "a docência é a única das profissões em que os futuros profissionais se veem expostos a um período de observação não dirigida em relação às funções e tarefas que desempenharão no futuro". Enquanto estudantes, observando o trabalho dos nossos professores, desenvolvemos crenças sobre o ensino e a aprendizagem, muito impregnadas de componentes emocionais e afetivos. As experiências e memórias da escola e de antigos professores tendem a influenciar nossa prática pedagógica, nossa forma de ser e estar na profissão, seja a partir de modelos que desejamos repetir ou evitar.

Assim, existe uma tendência observada pelos pesquisadores de que ingressamos nos cursos de formação inicial com crenças prévias e arraigadas sobre o ensinar e o aprender (MARCELO GARCIA, 2010). E isso tem sido apontado como um elemento bastante complexo na formação de professores, pois apesar de passarmos por um curso de licenciatura que deveria nos preparar pedagogicamente para o exercício da docência, o trabalho do professor em sala de aula tende muito a refletir as experiências vivenciadas como estudante da Educação Básica e as práticas de nossos ex-professores (TARDIF, 2013).

A professora Antonieta passou por algumas dificuldades durante a formação inicial. Ao terminar o Ensino Médio, prestou vestibular e foi aprovada em uma universidade pública federal. Estudou dois anos nessa instituição, mas engravidou e depois que a filha nasceu trancou o curso. Quando a filha completou um ano, retomou os estudos, mas a dificuldade em arcar com os custos do transporte da cidade que residia até o *campus* universitário e o fato de chegar em casa por volta das três horas da manhã, a fez interromper novamente a graduação. Diante das dificuldades de dar prosseguimento ao curso na universidade pública, matriculou-se em uma instituição de ensino superior privada em uma cidade mais próxima de sua residência, na condição de estudante bolsista, e conseguiu concluir a graduação.

Além da tia Êda ter tido papel relevante para a opção pelo magistério e, especificamente, a licenciatura em História, Antonieta relata que durante a graduação realizou estágio nas aulas dela e isso contribuiu bastante para a sua formação:

E eu fiz estágio na escola que eu estudei a vida inteira e nas aulas da minha tia (risos). A minha tia, assim, ela sempre, ela nunca teve, assim, falar assim 'Ah, foi uma professora que não conseguiu. Os alunos não prestavam atenção'. Nada. Então, assim, me ajudou muito os exemplos dela. Como aluna, eu observava uma coisa, agora como professora, eram outras coisas que eu ia observar. Então, eu me atentei a muitas coisas, a muitas dicas que ela dava, muitas coisas de aula que ela passou para mim, sabe? [...] Então, assim, ajudou muito mesmo, muito. E eu falo assim que hoje, eu falo para ela, falo 'tia... todas as minhas aulas', História, não tem como eu não me lembrar dela. (Antonieta).

Ao lembrar o período de estágio, especialmente na passagem “como aluna, eu observava uma coisa, agora como professora, eram outras coisas que ia observar”, Antonieta nos remete ao que afirma Marcelo Garcia (2010) so-

bre o fato de que como estudantes passamos um longo período numa espécie de observação não dirigida ao trabalho de nossos professores. Antonieta reconhece que como estudante da Educação Básica já estava atenta às práticas da tia-professora Êda, mas que na condição de professora em formação, realizando estágio, houve uma mudança no olhar, pois a observação se tornou, por assim dizer, “mais dirigida”.

E, não foram somente os professores da Educação Básica que marcaram a trajetória de vida-formação de Antonieta, mas também os professores do curso de licenciatura em História. Em especial, o professor Florestan,³ que foi seu orientador no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e ao qual ela faz menção em alguns momentos de sua narrativa: “*Eu viajava nas aulas dele. E ele fez na UFMG. E, nossa! Era bom demais! E ele dava aquela aula que eu ficava boquiaberta*”. (Antonieta).

Antonieta relata que nunca o esqueceu e, inclusive, quando ficou sabendo que foi aprovada em processo seletivo para cursar mestrado, foi uma das primeiras pessoas que ela avisou: “*Eu nunca esqueço ele. Às vezes, eu converso com ele, tal. E, quando eu entrei no mestrado, a primeira pessoa que veio na minha cabeça, eu mandei mensagem para ele*”. (Antonieta). O professor Florestan, além de ser professor no ensino superior, também ministrava aulas na Educação Básica e aquilo, para Antonieta, era um diferencial nas aulas de Didática:

Então, ele não saiu da sala de aula. Ele entendia do que ele estava falando [...] A gente preparava aula e apresentava na aula de Didática. Então, como você vai trabalhar esse tema? Como você vai trabalhar esse tema? Como você vai trabalhar esse tema? E a gente trocava as ideias. Era bem legal, para envolver os alunos, para não ficar naquela questão só o professor explica, explica. (Antonieta).

3 Referência ao professor Florestan Fernandes (1920-1995), sociólogo, patrono da sociologia brasileira e um dos intelectuais mais influentes do século XX.

Antonieta relata que sempre se inspirou nas aulas do professor Florestan: “*eu sempre me inspirei nele. Eu queria dar aula igual a ele, eu falava, ‘queria dar aula igual a ele’*”. (Antonieta). Além do professor Florestan, Antonieta também menciona a professora do componente curricular de Geografia Física que a apoiou para que não desistisse do curso. Antonieta e a professora Nísia⁴ têm histórias de vida semelhantes e que se (entre)cruzaram e, esse encontro, de certa forma, fortaleceu Antonieta para que conseguisse concluir a graduação.

[...] a história dela me comovia. Ela falava que ela também teve que se casar cedo, que ela teve que estudar muito, tal, tal, tal. E ela me ajudou muito na faculdade, assim... ela conversava muito comigo. Ela me motivava: ‘Não desiste, você está casada, você está com filho, mas você pode ainda!’. (Antonieta).

Antonieta começou a ministrar aulas como professora substituta quando ainda estava na graduação. O ingresso no magistério é apontado como uma das fases mais desafiadoras na carreira do professor (HUBERMAN, 2007). Na narrativa de Antonieta, percebe-se que as dificuldades inerentes aos primeiros anos da docência foram atenuadas por conta do auxílio de sua tia, também professora de História, que compartilhava materiais, orientava-a e com quem realizou estágio durante a graduação. E, ainda, por conta de uma coordenadora que era amiga da sua mãe e a auxiliava em suas dúvidas:

Eu falei assim: ‘Dorina⁵, o que que eu vou fazer?’, ‘Prepara aula. Sua aula tem 50 minutos, prepara a aula para uma hora e meia, porque

você nunca, nunca sabe. Cada sala é de um jeito, você pode programar uma coisa e se sobrar tempo você está lascada, porque aí você não consegue controlar a sala’. E ela me ensinou muita coisa, muita coisa. E eu fui aprendendo [...]. (Antonieta).

Iniciar uma nova profissão sempre traz desafios a serem superados, mas, no caso da docência, um aspecto preocupante é que o professor em início de carreira é mais propenso a abandonar o magistério (OCDE, 2006). Apesar do suporte, fortalecimento e inspirações que recebeu dos professores que passaram por sua trajetória de vida-formação e da identificação com a escola pública, diante dos desafios e das precárias condições de trabalho, Antonieta chegou a cogitar desistir da docência.

Ela relata que foi incentivada pelos próprios pares a desistir da profissão: “*teve um tempo que eu quis desistir e muitos professores mesmo contribuíram para eu desistir, porque ficavam falando que eu era nova, tal, tal. E eu enfiei isso na minha cabeça e eu achava que realmente aquilo não era para mim*”. (Antonieta). Inclusive, nesse período em que estava pensando em abandonar a docência, iniciou uma graduação em Direito:

E, assim, a maioria dos professores quando viu a novinha, assim: ‘Ai, ai, você é boba! Você fala bem, por que você não faz Direito? Sai da Educação, Educação está falida’, que não sei o quê.. ‘não adianta, olha quanto sofrimento, você ganha pouco tal, tal, tal’. Eu enfiei isso na minha cabeça. Eu já estava desanimada, porque realmente o salário era muito pouco e, sabe? [...] eu falei: ‘Eu vou!’. Eu gostava de estar em sala de aula, gostava dos meus alunos, mas eu estava muito desanimada. Aí eu comecei a fazer Direito. Falei assim: ‘Você quer saber? É verdade, sou muito nova. Eu falo bem, articulo bem’. Tem aquela coisa, como se professor tivesse que ser ruim para estar em sala de aula. Então, se você é boa tem que sair da sala de aula. ‘Aproveita enquanto você é nova’. Eu ouvia muito isso e aí eu peguei e comecei fazer o Direito. (Antonieta).

4 Referência à professora Nísia Floresta (1810-1885), que fundou a própria escola em 1838, destinada à educação de meninas, num contexto em que a educação das mulheres se limitava ao ensino dos afazeres domésticos.

5 Referência à professora Dorina Gouvêa Nowill (1919-2010), educadora e ativista brasileira cega. Foi a primeira estudante cega a frequentar o chamado curso regular na Escola Normal Caetano de Campos. É criadora da Fundação Dorina Nowill, entidade sem fins lucrativos que promove o acesso de cegos à educação.

Antonieta cursou Direito por um ano, mas relata que não conseguiu financiamento estudantil e não era possível continuar arcando com os custos da mensalidade, então desistiu do curso. Mas, ao mesmo tempo em que encontrou professores que a incentivaram a desistir da profissão, também encontrou aqueles que a motivaram a não desistir da docência, seja por conta de palavras de incentivo ou pela convivência diária. Antonieta relata que ingressou em uma nova escola, em 2017, quando assumiu cargo como professora efetiva e encontrou um grupo de professores que a motivaram a continuar:

E ali no [nome da escola estadual], isso me ajudou muito, porque... eu encontrei professores que eram engajados e eu não ouvi ninguém falar assim: 'Desiste, menina! Para!' Não, pelo contrário. Eu lembro que no começo do ano quando eles fizeram a recepção dos novos professores da escola, todo mundo falou um pouco sobre o projeto de vida, essas coisas. Aí, eu lembro que falei que queria parar de dar aula. Aí elas falaram assim: 'Não, você não vai parar de dar aula. Você vai fazer parte aqui da guerra. Você vai ser guerreira igual a gente. Você não vai pular do barco, não. Continua nessa, tal, tal, tal'. E aí eu comecei a achar, assim... diferente. (Antonieta).

E outras duas professoras que havia conhecido antes de se efetivar também a incentivaram a continuar:

E aí, eu lembrava daquilo que uma professora amiga minha... duas professoras [...] que também me ajudaram muito. Elas sempre falavam: 'Antonieta, não desiste! Você é uma boa professora!' E elas também me motivaram bastante. E aí, sempre quando eu pensava em desistir vinha a fala delas, sabe... assim? Quando você lembra, assim...poxa vida! (Antonieta)

Antonieta ressalta que esses professores a “ajudaram muito a permanecer e a não desistir”. E, ainda, afirma que “hoje, eu dou aula feliz, muito feliz. Não tenho vontade mais de desistir da profissão, mas eu tenho, assim, de

permanecer mesmo na carreira e de... sabe? Me aperfeiçoar, estudar mais para ajudar, para contribuir mesmo.” (Antonieta).

Quando a entrevista foi realizada, Antonieta estava cursando mestrado, nas palavras dela, estava realizando um sonho que sempre teve e que foi sendo adiado. Primeiro, porque não conseguiu concluir a graduação em uma universidade pública e entendia que “aquilo abria portas diferentes” (Antonieta). Em sua concepção, o fato de ter se graduado em uma instituição privada, dificultaria seu ingresso no mestrado.

Segundo, porque havia feito um acordo com o marido: primeiro, ela concluiria a faculdade e ele cuidaria da filha, quando ela terminasse, ele iria ingressar no ensino superior. “E aí, eu nunca pude nem tentar o mestrado, porque eu sabia que agora era a hora dele. Eu não ia tirar esse momento dele de novo. Então, eu vivia com aquela frustração, uma coisa, assim, sufocada na minha vida, sabe?”. (Antonieta).

Quando o marido terminou a faculdade, conversaram e decidiram ter outro filho. “Eu achava que eu nunca mais ia fazer mestrado, doutorado. Achava que não tinha mais jeito”. (Antonieta). Mas quando ingressou na escola em que se efetivou, em 2017, conheceu a professora Sônia,⁶ que, na época, fazia doutorado em Filosofia. Ela narra o encontro com essa professora e o incentivo que recebeu para tentar ingressar no mestrado:

A Sônia estava no doutorado em Filosofia na Unesp, em Marília. Nossa! Quando eu conheci a Sônia, meu olho brilhou. Ela representava tudo o que eu queria, sabe? Tudo o que eu tinha sonhado para minha vida. Da minha idade, no doutorado! [...] E aí, eu conversava com a Sônia, era tão gostoso. Ainda mais Filosofia. Sabe aquelas conversas, assim? Era muito gostoso conversar com ela e ela tinha feito intercâmbio

6 Referência à professora Sônia Guimarães (1957-atual), primeira mulher negra doutora em Física e primeira a lecionar no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA).

[...] E ela: 'Ai, Antonieta, vai! Não está tarde, não. Estuda, tal, tal, tal'. E ela me motivou a voltar, assim, a sonhar com isso. Porque, de verdade, eu chorava muito, muito mesmo, escondido, por causa disso. E aí, ela me motivou a assim... conversando com ela, me veio a vontade de novo, de tentar, de tentar pelo menos um mestrado, alguma coisa. (Antonieta).

A partir do seu exemplo, Sônia inspirou e motivou Antonieta a continuar a busca pela realização do desejo de cursar o mestrado. Nesse período, Antonieta chegou a frequentar uma disciplina como aluna especial na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) em Assis, mas desistiu por conta da distância de sua cidade de origem, do preço alto da gasolina e da rotina corrida. E, uma outra amiga, professora Débora,⁷ convidou-a para participar de eventos acadêmicos na Unesp em Presidente Prudente, cidade onde atualmente reside.

Antonieta conta que ter participado desses eventos aguçou seu interesse pela leitura de textos sobre educação, principalmente quanto à questão política. A leitura dos textos, aliada às situações que vivenciava na escola, a fez elaborar um projeto de pesquisa. Em 2018, participou do processo seletivo para ingresso na pós-graduação em Educação na Unesp, campus de Presidente Prudente e conseguiu ser aprovada. Ficou bastante emocionada quando soube da aprovação:

Eu tremia, eu tremia, eu tremia, porque eu achava que eu nunca ia conseguir passar, sabe... assim? Poxa vida! Eu não estudei na [universidade] federal, nem na estadual, eu não terminei do jeito que eu queria... Tanto tempo sem estudar, eu não conheço ninguém, eu achava que eu nunca ia conseguir passar. Eu lembro que eu tremia de tanto que eu chorava, de tanto que eu chorava. (Antonieta).

7 Referência à Débora Araújo Seabra de Moura (1981-atual), primeira professora com Síndrome de Down, ativista, atriz e escritora.

As professoras Sônia e Débora tiveram um papel importante no sentido de motivar e inspirar Antonieta a continuar sonhando com a possibilidade de cursar o mestrado. A elas, somam-se as professoras Anália, Êda, Nísia, Dorina, o professor Florestan e tantos outros. Professores que atravessaram a trajetória de vida-formação da professora Antonieta, deixaram suas marcas, constituíram a sua identidade, "porque a nossa vida é feita de várias pessoas que vão ajudando a formar quem a gente é, os nossos encontros e desencontros". (Antonieta).

Considerações finais

Este trabalho, ao qual atribuímos o título de "Professores que nos atravessam", apresentou a trajetória de vida-formação da professora Antonieta a partir das experiências vivenciadas com outros professores que deixaram suas marcas, contribuindo para a constituição do ser e estar na profissão docente. Ao narrar sua trajetória de vida-formação, Antonieta rememora alguns professores que a marcaram, a inspiraram e a apoiaram, mas também aqueles que contribuíram para que ela quisesse desistir da profissão.

A primeira professora que Antonieta destaca em sua narrativa é a própria mãe. Antonieta cresceu atravessada pela sua história de vida, uma história de luta e resistência diante das dificuldades financeiras que dificultavam o acesso à escola. Uma história compartilhada por muitos brasileiros da geração de sua mãe, oriundos de famílias de trabalhadores. Mas, apesar das dificuldades, a mãe foi a primeira pessoa da família a formar-se em nível superior. Antonieta percebia que ela valorizava muito o estudo e a escola pública e, talvez, essas sejam as marcas mais evidentes deixadas pela mãe-professora.

Antonieta ressalta que apesar da mãe ter passado por dificuldades até conseguir se efe-

tivar como professora, nunca a presenciou reclamando da escola. Como a mãe atuava como professora substituta, não tinha horário fixo de trabalho e nem sempre podia contar com o pai para deixar os filhos. Essa situação fazia com que Antonieta e o irmão permanecessem na escola, especialmente na biblioteca, para que a mãe pudesse trabalhar. Antonieta nos conta que aprendeu a gostar de estar no ambiente escolar desde a infância e em vários momentos de sua narrativa percebemos o vínculo afetivo e de pertencimento que a conecta com a escola pública.

Além da mãe, Antonieta também possui duas tias paternas que são professoras. Mas é a tia Êda, também professora de História, que ocupa papel de destaque em sua narrativa. Êda foi a primeira da família paterna a acessar o ensino superior e, assim como a mãe de Antonieta, traz consigo uma história de luta e superação. Antonieta foi aluna da tia-professora que despertou nela, assim como outros professores que passaram pela sua trajetória de escolarização, o encantamento com o componente curricular de História, exercendo forte influência para sua escolha profissional.

Além disso, durante a graduação, Antonieta realizou estágio observando as aulas da tia Êda, estando atenta às suas práticas. Nesse momento, não mais na condição de estudante da Educação Básica, e sim de professora em formação, o que provocou, segundo ela, uma mudança no olhar. Além de ter encantado e inspirado Antonieta para a escolha profissional, as marcas deixadas pela tia Êda também se encontram na contribuição para a formação profissional durante os estágios, por meio do seu exemplo e pelo compartilhamento de experiências e materiais.

Durante a graduação, também percebemos as marcas deixadas pela professora Nísia e pelo professor Florestan. Nísia encorajou-a a permanecer e a concluir o curso de História

diante das dificuldades da maternidade enfrentadas por Antonieta. Florestan foi uma referência para ela, ajudando-a no planejamento e organização das aulas e a quem Antonieta buscava inspiração: “*eu queria dar aula igual a ele*”. (Antonieta).

Ao lembrar sobre as dificuldades no início da carreira, Antonieta menciona a professora Dorina, coordenadora pedagógica que deu o suporte necessário para planejar as primeiras aulas. Ainda nessa fase, ela também menciona a influência de professores que produziram narrativas de desistência, que a motivaram a buscar outra profissão devido às dificuldades da docência. Assim, as precárias condições de trabalho somadas aos discursos desses professores fizeram Antonieta repensar sua escolha pelo magistério, sufocando o desejo de ser professora.

Esse desejo só floresceu novamente quando ela ingressou como efetiva em 2017, momento em que conheceu professoras que a motivaram a continuar e a relembrou dos sentimentos positivos pelos quais escolheu a docência. Esse reencontro com a motivação para ser e permanecer professora também levou Antonieta a retomar os planos que tinha em cursar mestrado, quando a professora Sônia cruzou sua trajetória de vida incentivando-a a buscar esse sonho.

Toda essa trajetória percorrida por Antonieta nos mostra como as professoras e professores que nos atravessam marcam nossa trajetória de vida-formação, podendo produzir narrativas de desistência ou nos fortalecer e contribuir para o fazer-se docente. A troca de experiências entre os pares também faz parte da especificidade docente, e se essas trocas forem permeadas de experiências negativas, de situações imbricadas de frustração, certamente gerarão sentimentos de desânimo.

Porém, quando essas experiências são positivas, ou até mesmo passam pelo reconhe-

cimento das dificuldades existentes, mas buscam formas de enfrenta-las, percebemos que elas podem ter um potencial encorajador, na busca pela permanência na docência. Cada um dos professores que atravessaram a trajetória de vida-formação de Antonieta e deixaram suas marcas contribuíram para a sua constituição profissional, para o complexo emaranhado que envolve o formar-se, o tornar-se e o ser professora.

Por fim, gostaríamos de externar o nosso reconhecimento e agradecimento a todos os professores que nos atravessaram e todos aqueles que, diariamente, continuam a atravessar a vida de tantos estudantes e, para além de ensinar, inspiram, fortalecem, acalentam, apoiam e vão deixando suas marcas. Ser professor(a), nas palavras da própria professora Antonieta, “*é um modo de luta*”, luta por uma sociedade mais justa, mais humana e menos desigual. Que possamos ser professores atravessadores!

Referências

ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de; TARTUCE, Gisela Lobo; NUNES, Marina Muniz Rossa. Quais as razões para a baixa atratividade da docência por alunos do ensino médio? **Psicologia: Ensino & Formação**, v. 5, n. 2, p. 103-121, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-20612014000200007. Acesso em: 8 fev. 2023.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. A qualidade da escola pública na perspectiva democrática e popular. **Série Estudos (UCDB)**, s/v., n. 30, p. 305-323, jul./dez., 2010. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/173>. Acesso em: 12 fev. 2023

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A construção do campo da pesquisa sobre formação de professores. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneida-**

de, Salvador, v. 22, n. 40, p. 145-154, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/7445/4808>. Acesso em: 15 fev. 2023.

DUBAR, Claude. **A socialização**. Construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes: 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS (FCC). **A atratividade da carreira docente no Brasil**. Relatório Final. Estudos e Pesquisas Educacionais, 2009. Disponível em: <http://www.zerohora.com.br/pdf/15141177.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2023.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 31-61.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à Pedagogia do Conflito**. São Paulo: Cortez, 2003.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: Unesco, 2019.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-275.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-113.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, s/v., n. 19, p. 20-29, jan/fev/mar/abr., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC>. Acesso em: 2 fev. 2023.

MARCELO GARCÍA, Carlos. La identidad docente: constantes y desafíos. **Revista Interamericana de Investigación, Educación y Pedagogía**, v. 3, n. 1, p.

15-42, 2010. Disponível em: <https://revistas.usantotomas.edu.co/index.php/riiep/article/view/1301>. Acesso em: 3 fev. 2023.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2007. p. 11-25.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Trabalho docente. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Lívia Maria Fraga. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/trabalho-docente/>. Acesso em: 5 fev. 2023.

OCDE. **Professores são importantes**: atraindo, desenvolvendo e retendo professores eficazes. São Paulo: Moderna, 2006.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan/abr., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/>

[rbedu/a/XPqzwwYZ7YxTjLVPJD5NWgp/?lang=pt](https://www.scielo.br/j/brbedu/a/XPqzwwYZ7YxTjLVPJD5NWgp/?lang=pt). Acesso em: 2 de fev. 2023.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2013.

TARTUCE, Gisela Lobo; NUNES, Marina Muniz Rossa; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 445-447, maio/ago., 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/hBtRyWXHrYrGPzR7RsV6LCh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2023.

Recebido em: 18/03/2023

Revisado em: 18/05/2023

Aprovado em: 22/05/2023

Publicado em: 03/06/2023

Tamara de Lima é doutoranda em Educação na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), *campus* Presidente Prudente. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), *campus* Presidente Epitácio. Membro do Grupo de Pesquisa de Formação de Professores, Políticas Públicas e Espaço Escolar (GPFOPE), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Unesp, *campus* Presidente Prudente. E-mail: tamara.lima@ifsp.edu.br

Amarílis da Costa Silva é mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), *campus* Presidente Prudente. Professora na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP). Membro do Grupo de Pesquisa de Formação de Professores, Políticas Públicas e Espaço Escolar (GPFOPE), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Unesp, *campus* Presidente Prudente. E-mail: amariliscsilva@gmail.com

Yoshie Ussami Ferrari Leite é livre-docente pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora aposentada vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Unesp, onde lidera o Grupo de Pesquisa de Formação de Professores, Políticas Públicas e Espaço Escolar (GPFOPE). E-mail: yoshie.leite@unesp.br